



## UM NOVO TENOR

Não se ganha para sustos, e para surpresas.

Imaginem que por uma d'estas frias e humidas noites de fevereiro, tocavam á campainha da nossa porta e uma voz annunciava ruidosamente de fóra este nome: Fausto!

Nós mandaríamos naturalmente entrar, perguntando a nós mesmos com essa curiosidade de quem recebe visitas fóra d'horas: — Quem será este massador?

Imaginem mais que, quando supunhamos ver entrar algum d'esses portadores de más novas, que vêm sempre de noite, embrulhados n'um sobretudo fático e trazendo de-



baixo do braço um guarda chuva molhado, nos encontravamos face a face com o sr. Conde de S. Januario, rejuvenescido como Fausto, é como Fausto arvorado uma airosa *toque* de seda sobre que palpitasse uma pluma branca.



A nossa estupefacção seria grande e muito maior se elle, levando a

mão direita ao peito, desferisse na mais linda voz de tenor, estes dizeres:

*«Salvé, dimora casta e pura!»*



Naturalmente applaudiríamos e rogariamos a sua ex.<sup>a</sup> que bisasse. Tal o effeito que sobre nós produziu a eleição do Porto.

O suffragio appareceu-nos de tal maneira transmudado, que não o reconhecemos. Perdera o seu aspecto de vetustez, o seu ar caduco, e surgira-nos cheio de juventude e de frescor, a ponto de que nos recusámos a principio a acreditar que fosse realmente elle, o suffragio, que nunca ouvimos em S. Carlos, e nos sentimos levados a crer, que, no fundo, se tratava simplesmente do Masini contractado pela Concentração democratica para cantar o *Fausto* da opinião publica nas egrejas do Porto.

Sobre este equivoco correram tantas e variadas versões, como supplementos, até que noticias ulteriores affiançaram a existencia de um suffragio cantando com voz de tenor.

O apparecimento d'este novo virtuose na scena da politica portugueza levantou já uma viva controversia na imprensa, uma parte da qual assegura que se trata de um tenor novo, enquanto outra afirma que é um velho tenor. Sem entrarmos n'esta especiosa apreciação, devemos por nossa parte testemunhar que, velho, ou novo, cantou bem, isto é, com excellente voz e excellente escola, e que se continuar a cantar assim, tem por certo um excellente futuro não diremos já em S. Carlos, mas em S. Bento.



Perfil ...  
ladão



PANTARANTULA NU PIMPÃO  
RAPHAEL BORRALHE

A divisa de Raphael Bordallo, no seu novo jornal de caricatura e satyra, é o mais feliz achado do espirito portuguez neste principio do seculo, ou neste fim de seculo, como os senhores quizerem. Céu azul, riso amarello — tal é essa divisa — e muito mais que a divisa de um aristocrata da troça; é o lemma de uma nacionalidade como a nossa, que não pode ter no grande concerto europeu mais que uma parte muito ligeira, e que, para evitar toda a fífia, tem de resignar-se á condição secundaria que lhe cabe, contentando-se com pouco em tudo, desde as chamadas despesas de representação, até ás mais ínfimas e vagas despesas geraes que, no diario d'esta sociedade anonyma onde a gente se aborrece, representam as pequenas verbas de bom humor com que cada um de nós concorre para o custodio da vida, pouco espirital, que passamos em Lisboa.

Ainda os mais pessimistas dos nossos compatriotas são obrigados a reconhecer que em muitos dias de Julho não se nos mostra o céu tão azul, como o temos visto nestes ultimos dias de Janeiro, em que — segundo o Discurso da Corêa, do qual não é licito duvidar — nem sequer estiramos a nossa: relações diplomaticas com as nações onde o thermometer tem baixado 55° abaixo de zero. Só aquelles que, porventura, sofriam de daltonismo, poderão querer convencer-nos de que á vista dos seus olhos apparece arroxeadado e sombrio o céu, anilino e limpidio, que a nossa vista alcança, de norte a sul e de leste a oeste.

Esse chamado «horizonte tenebroso» da publica administração, não é mais que um topo. A muito conhecida «atmosfera carregada» da nossa eterna questão colonial, não é senão um effeito de theatro applicado, já com pouco exito, á rhetorica parlamentar, velho panno de fardo esmaecido.

E todavia, sob este céu azul que felizmente nos cobre, e no desfructo amavel das instituições que felizmente nos regem, nem o animo nos chega para grandes enthusiasmos, nem a alegria nos dá para grandes explosões. Assim como a temperatura do clima nos não deixa experimentar a sensação dos mais intensos frios, assim a dosagem do humor nos não permite a bemaventurança das fortes hilariedades. A todos os respeitoz vogamos em aguas moiras — quer a metaphora alluda á nau do Estado, quer se refira ao ligeiro batel da nossa phantasia.

D'aqui a justificação do titulo que Bordallo Pinheiro dá ao seu jornal — a Parodia graciosamente explicado no seu primeiro artigo. Toda a vida portugueza está sendo bem uma parodia, de que a muito custo se salvam poucos factos e poucas individualidades. Na politica e na sciencia, nas artes e nas letras, na moda e no dandysmo, a parodia floresce como a laranja ao sol. Regulamentos e leis, theorias e problemas, seitas e escolas, estylos e gravatas, tudo isso assimila, imita, adapta ao meio, macaqueia, emfim, quanto de fóra nos vem na corrente impetuosa das opiniões, nos artigos das Revistas, nos jornaes de figurinos, nos mostruarios dos caixeiros viajantes. Cada qual de nós se julga no direito de trazer para a rua um paradoxo de Max Nordau, com o mesmo *enbonpoint* com que poderia envergar uma sobrecasaca do alfaiate Amieiro. Traz-se á flor dos labios um dito de fim do *Figaro*, e mo quem põe na lapella uma camelia dobrada...

ALFREDO MESQUITA.

(Do Brazil Portugal).

Ao nosso amavel collega — pedimos a fineza de apertar estes ossos!

## Quarta-feira de Cinzas



Abre-se a igreja aos fiéis, o som dos guisos morre.  
Tem a palavra o sino e vae fallar da torre!  
Bronze solurno, dobra! O Carnaval morreu!  
A' mascara succede outra mascara: o véu;  
A' bisnaga a agua benta, e a cinza aos pés de gomma!  
Veneza emudeceu. Quem falla agora é Roma!

Homem! o vosso pranto é como o vosso riso:  
Faz-vos chorar um sino e faz-vos rir um guiso!  
Hontem — folia, baile; hoje — orações, igreja!  
Divertis-vos, rezas. Mas, como quer que seja,  
Quer vos encontre rindo ou pondo ao alto as mãos,  
Extranho francamente, esses modos christãos  
De despachar, á luz do sol ou do sacrario,  
Hontem, tremocos; hoje, as contas do rosario!

Divertis-vos. Viveis n'um carnaval constante!  
Caminhaes a cantar no sequito brilhante  
D'esse loiro Prazer, com azas, celestial,  
Que n'um carro de fogo e rodas de cristal  
Esfolha, á luz do sol, sobre a côrte luzida,  
Febri! a, a plenas mãos, um ramo fresco: a Vida!

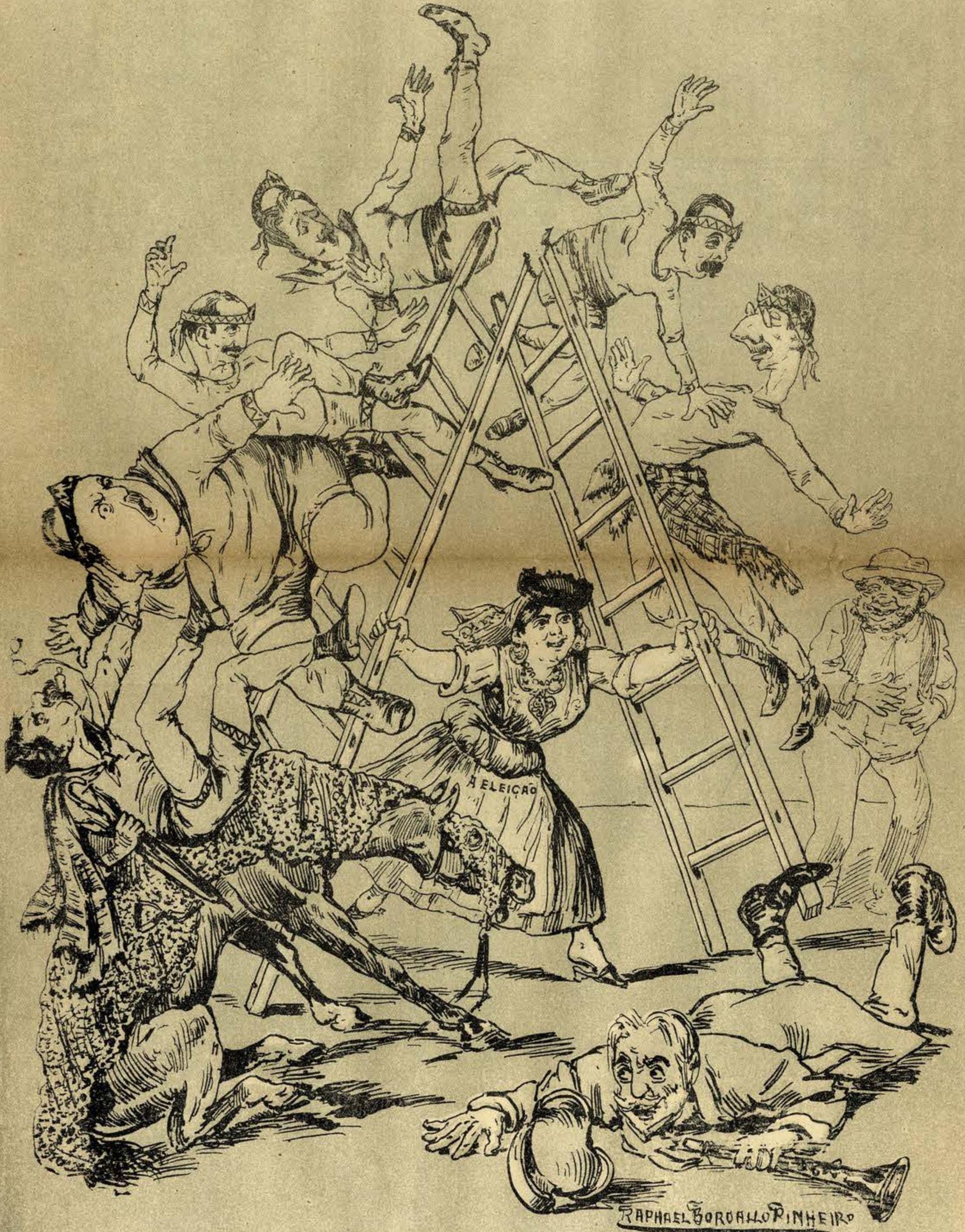
Homens, cantae! folgae!  
Silencio! O sino dobra.  
Abre-se a igreja... Entrac de rastos como a cobra...  
Arden: lumes no altar. E á luz das tochas, pallida,  
A imagem de Jesus, magra, sombria, esqualida,  
Escorre em sangue...

E olhaes, sacrilegos, ao ceo  
Porque a escorrer em lama o Carnaval morreu!

RIVOL.



# A ELEIÇÃO DO PORTO



FINAL DA DANÇA DA BICA



### MAS QUE DENTISTA!

Lisboa acha-se enriquecida com mais um dentista—o Dr. Oscar, em Carmo Street (vulgo Rua do Carmo) Hour, for appointments from 9 to 5.

Além de uma instalação de primeira ordem, operações sem dor e aparelhos aperfeiçoados, este Dr. Oscar apresenta aos seus clientes uma grande curiosidade no genero: é um dentista *double* de um fino litterato. O Dr. Oscar, que todos nós sabiamos distincto, em letras, põe-nos agora a descoberto, como quem põe a raiz de um dente ao sol, esta outra feição, não menos apreciavel, do seu talento: o talento de tirar e chumbar dentes.

No prospecto que o Dr. acaba de lançar aos quatro ventos da Baixa, encontra-se, de um lado, o melhor elogio, que seria possível imaginar, da sua *prothese*; do outro lado, a melhor prova, que poderíamos exigir, da excellencia da sua *prosa*.



D'um lado, a torquez; do outro lado, o estylo. D'um lado, o dentista; do outro, o litterato. E com tanta pericia se confundem, n'esse prospecto, o litterato com o dentista

e o dentista com o litterato, que não é facil distinguir se é o litterato que é dentista, se é o dentista que é litterato.

Para se ser uma coisa e outra, só se fór Doutor Oscar.

Senão, vejamos o seu prospecto:

O papel que a bocca desempenha na vida de *relaxa* é um dos mais elevados que se conhecem na humana distribuição do trabalho physiologico, disse-o já um eminente escriptor e quiza um notavel odontologista.

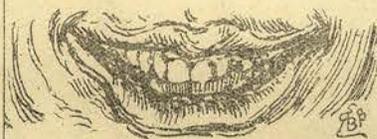


E' na bocca que está a *palavra*, o laço mais admiravel que prende os seres humanos e ao qual se deve em sua maior parte a evolução d'esse typo-animal.

No amor, a bocca é o objecto das primeiras caricias. O labio procura o labio como a abelha procura o cheiroso calice das flores. Allí se esconde o extasis. E' allí que nasce o sorriso, tão eloquente nas manifestações de sentimento.

Ora digam-nos, com a maxima franqueza, se n'este simples trecho não se acham reunidos, admiravelmente, pedacinhos de ouro do Padre Antonio Vieira, traços do esmalte de Catullo Mendes, meias palavras doces da Georges Sand, e tudo isso architectado sobre a base de maíluc, de que nos falla o prospecto, tão util ás pessoas que soffrem do estomago!

Não! Decididamente, este Dr. cahiu-nos do céu... da bocca!



### O ENTRUDO

Alguns disfarces d'este anno:



O sr. Ressano Garcia, de Torre Eiffel.

### Folhetim d'A PARODIA ou Parodia de um Folhetim

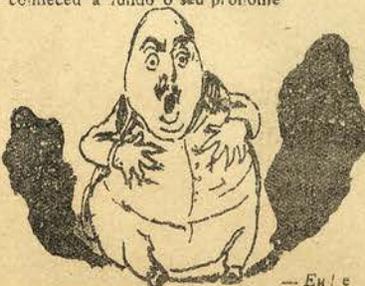
## FARIA

As transformações do verbo Fazer

### CAPITULO IV Educação de Faria

Prevendo que Faria saberia fazer tudo, seus paes não lhe ensinavam a fazer nada.

Descendendo de uma grammatica, Faria não soube da grammatica senão o que ella lhe ensinava para seu uso pessoal — isto é, conheceu a fundo o seu pronome



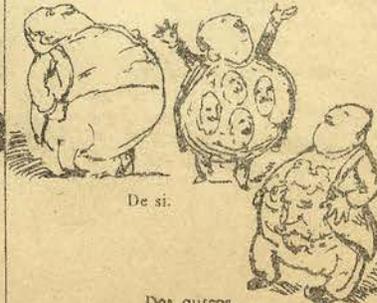
os varios modos do seu verbo, como refe-

rimos nos precedentes capitulos, o que determinou o seu futuro, collocando-o desde logo em a vida, na situação de um verbo de encher.



Logo se encheu de razões... que o lançaram na vida.

E vimoi-o cheio.



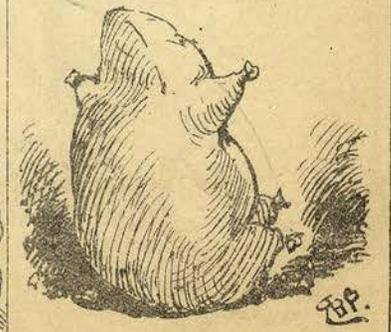
De si.

Dos outros.

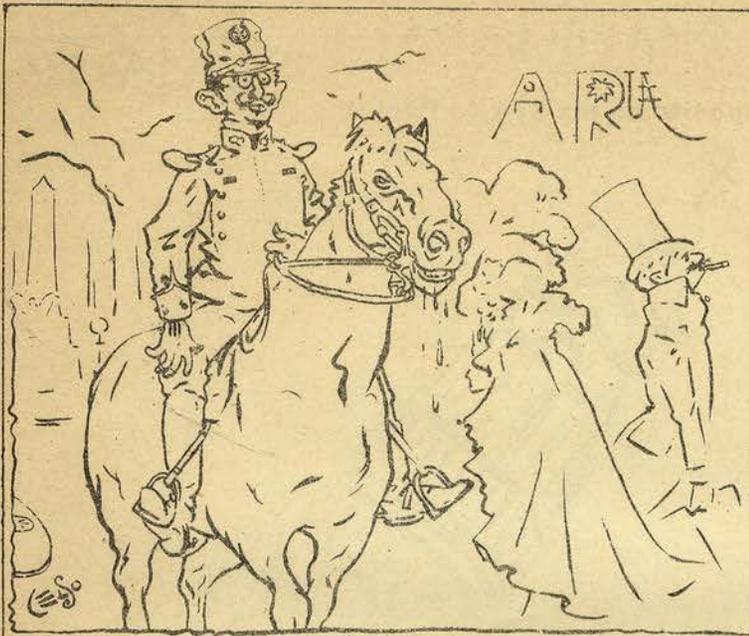
E tão temido, tão farto, tão replecto, que tomou os aspectos de todas as coisas cheias.



E foi successivamente, aos olhos sorprendidos dos que o viram encher, estranho, monstruoso, dispatado, anedoctico.



Foi odre de azeite



Artibéria montada e péss... à unha

## ANNUNCIOS

Companhia Real dos Caminhos de Ferro  
Portuguezes

### Exploração—Pessoa!

Está aberto o concurso para a admissão de alumnos nas Escolas de Praticantes de Lisboa e de Coimbra.

Para serem admitidos ao concurso devem os candidatos apresentar, junto ao pedido escripto pelo proprio panno, os seguintes documentos:

1.º Certidão de exame da instrução primaria e de outras habilitações que tiverem;

2.º Certidão de idade demonstrando que não tem menos de 15 annos mais de 25 annos de idade, se se destinar ao serviço de estações; nem menos de 18, nem mais de 30 annos, se se destinar ao serviço de comboios;

3.º Certidão de folha corrida comprovando o seu bom comportamento.

Os pedidos serão dirigidos ao engenheiro em chefe da exploração, estação de Santa Apolonia, em Lisboa, até 10 de Março proximo futuro.

Lisboa 16 de Fevereiro de 1900.—O sub-director da Companhia, Manuel de Vargas.

### Peltes, malhas, artigos de borracha e de viagem

Todos estes objectos e muitos outros pertencentes a classe de pelleiro se encontram na casa

**BARÃO & C.ª**

**206, Rua Augusta, 208**

Esquina da Rua d'Assumpção

## EXPEDIENTES...

*Amigos, amigos, negócios à parte...*

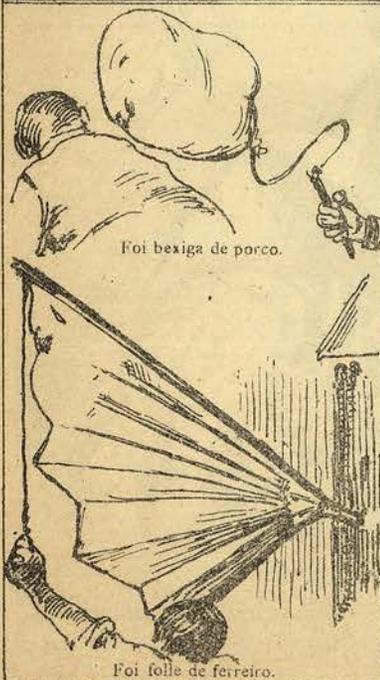
SABEDORIA DAS NAÇÕES

O nosso número passado foi, dado o momento em que appareceu, e as circumstanças de desusada alegria em que foi feito, um numero de furta-côres. N'elle procuramos reunir, a esmo, como se viu, as nuan-

ces que resultavam do proprio estado dos espiritos nas visinhanças do carnaval e nas ancias das eleições do Porto. Por isso elle sahio azul para os que acreditavam no triumpho do governo; vermelho para os que sonhavam com a victoria dos republicanos; amarello para os que se deixavam ficar numa espectativa benevola... Não foi um numero de côres definidas. Foi uma especie de Conselheiro Fuschini para todos os paladares

Agora, entrando nós na Quaresma, que é uma coisa que vem sempre depois do Carnaval, como depois da tempestade vem sempre a bonança, entendemos que, um pouco pelo respeito devido ás tradições da religião do Estado, um pouco por homenagem ás calças pardas em que o governo se encontra, resolvemos dar a este nosso numero a cor de cinza, que é propria do dia de hoje.

N. B. Esta explicação destina-se apenas ás pessoas que não soffram de daltonismo.

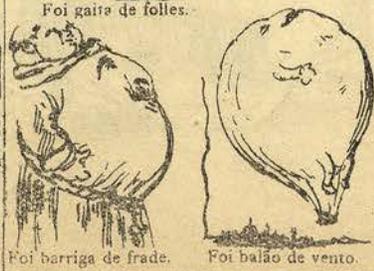


Foi bexiga de porco.

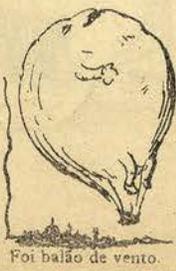
Foi folle de ferro.



Foi gaita de folles.

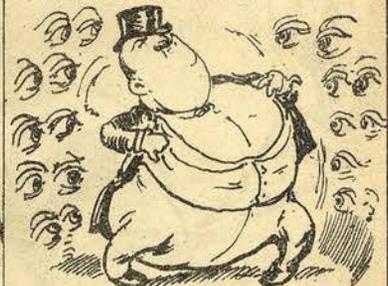


Foi barriga de frade.



Foi balão de vento.

Começou então Faria a fazer esta coisa que se chama—dar nas vistas.



Immediatamente, os poderes publicos o farejaram e elle se tornou um homem natu-



ralmente indicado para todos os destinos.

**PAPANEL CORRALLO FINI** (Continúa).

# A CHAPELLADA

(A proposito da eleição do Porto)



RAPHAEL BORUALLO PINHEIRO

A torre dos Clerigos ficou sendo d'esta vez uma verdadeira torre de Pisa... ministros.